

Os "tucanos" 502 também choram

Entre lembranças bem-humoradas da campanha, contrangimento de outros e lágrimas de alguns, o senador Mário Covas despediu-se ontem de sua equipe de trabalho — que, mesmo sem a sua aquiescência expressa, já começa a tratar de sua campanha ao Governo de São Paulo. Na próxima segunda-feira, os publicitários "tucanos" se reúnem para discutir a sucessão paulista. Eles pretendem mapear os votos conferidos a Covas no Estado, traçando o perfil do eleitorado para, em seguida, atacarem os pontos fracos.

Covas evita falar nas eleições do ano que vem. Se o assunto vem à tona, mesmo em tom de brincadeira, o senador desconversa. "A caminhada tem de ser passo a passo, senão a gente tropeça", ensina. "Vocês querem complicar minha vida", arremata. Nem quando analisa a performance eleitoral de seus prováveis adversários na corrida ao Palácio dos Bandeirantes, Covas admite sua candidatura. O senador reconhece que Paulo Maluf (PDS), com expressiva votação no interior do Estado, se credenciou à disputa. "Mas ele não disse que vai pendurar as chuteiras", indaga, irônico.

Sempre cauteloso, Covas não quer avançar nenhum passo antes da decisão de seu partido quanto ao segundo turno da eleição presidencial. Antes de mais nada, o senador tenta derrubar a premissa de que um acordo feito agora se refletirá obrigatoriamente na eleição do ano que vem. "Um acordo para o segundo turno não significa compromisso para depois" — alerta Covas, transferindo para as áreas de comando do PSDB qualquer contato com o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. "Se o Lula me telefonar eu atendo, até por educação, mas digo a ele para procurar o presidente do partido" — completa.

Se a busca de uma saída para o PSDB no segundo turno tem ocupado todo o tempo de Covas, ontem pela manhã o senador decidiu fazer um intervalo nas conversas políticas para agradecer pessoalmente o empenho de seus auxiliares de campanha. Sentado na mesa-redonda da "diretoria" do comitê central do PSDB, instalado no 1º andar do Edifício Denasa, no Setor Comercial Sul de Brasília, Covas conversou isoladamente com cada grupo de funcionários. A assessora Marta, responsável pelo controle do material de campanha, deixou a sala garantindo que continuará trabalhando no PSDB. "Agora vou para a Executiva", disse, enquanto arrumava gayetas e ajudava a desligar as máquinas de xerox e fac-simile.

Todos os funcionários do comitê fizeram questão de lotar as golas e lapelas dos paletós com broches de campanha. Alguns deles, como a assessora Rose Arruda, de malas prontas para Curitiba, não conseguiam segurar o choro. Na sala de reuniões, os apetrechos do escritório, como grampeadores e rolos de fita-durex, amontoados sobre a mesa, compunham o clima de fim de festa, "mas de uma festa sem ressaca", garante um dos assessores.